

A sua jovialidade e o seu talento criador contribuíram para numerosos aspectos do panorama americano



Os Franceses na América

Albert Q. Maisel

MA LISTA de passageiros do *Mayflower*, o pequeno veleiro que levou os primeiros colonos para Massachusetts em 1620, o nome dela aparecia como “jovem Priscilla Mullins”. Durante mais de dois séculos a história da côrte que lhe fêz John Alden em nome do velho e tímido soldado Standish passou de bôca em bôca. Depois o poeta Longfellow recompôs o velho conto em sua obra *The Courtship of Miles Standish*, imortalizando Priscilla como a môça inventiva, que pôs fim ao dilema do leal jovem ordenando-lhe: “Fale por si mesmo, John.”

Longfellow apresentou Priscilla como uma típica donzela inglesa; mas os historiadores sabem hoje que a beldade de olhos de veludo foi na realidade uma francesa huguenote, que passara apenas alguns dias em

solo britânico enquanto aguardava a partida do *Mayflower*. O verdadeiro nome do pai dela não era Mullins e sim Guillaume Molines.

Quando Mlle Molines passou a Mme Alden, foi ela o primeiro francês da América a abrandar a rija austeridade dos antigos colonos britânicos com uma mistura de jovialidade gaulesa. Felizmente, o processo por ela iniciado continua ainda hoje, não só pelo matrimônio, como também por uma fecunda interpenetração de culturas.

Pelo espaço de século e meio, desde a época em que viveu Priscilla, um débil filête de exilados huguenotes procurou refúgio nas colônias americanas. Êles eram parte do meio milhão que fugiu de sua terra natal por perseguição religiosa. No clima de liberdade da América, seu talento

floresceu. Como professôres e médicos, cientistas e eruditos, mercadores e industriais, suas habilidades e energia aceleraram a transformação das primeiras povoações rústicas em vilas e cidades civilizadas.

O mais versátil dos primeiros colonos franceses talvez tenha sido Paul Revere, filho do ourives imigrante Apollos Revoire de Romagnieu. Sua fama hoje repousa principalmente num dos seus muitos feitos patrióticos: uma cavalgada à meia-noite para avisar aos lavradores de Lexington e Concord que os soldados britânicos estavam avançando. No entanto as atividades pacíficas de Revere contribuíram para incrementar o desenvolvimento da América mais ainda que os seus serviços à Revolução. Grande prateiro, foi êle o primeiro a criar um estilo inconfundivelmente norte-americano. Gravador em cobre, arte que aprendeu sozinho, desenhou e gravou moedas da colônia de Massachusetts. Revere montou a primeira laminação de cobre do país, donde saíram as placas para o revestimento do *Old Ironsides*, navio de guerra famoso nos primórdios da história americana, e onde foram fabricadas as caldeiras de cobre para os primeiros navios a vapor de Robert Fulton.

Americanos da região do leste de origem francesa representaram importantes papéis na Guerra da Independência e na luta pela união dos estados num govêrno federal forte. John Jay, aos 33 anos de idade, presidiu ao Congresso Continental. Mais

tarde, com Henry Laurens, da Carolina do Sul, outro descendente de huguenotes, participou da missão diplomática que negociou o tratado pelo qual a Inglaterra reconheceu a independência da América. Jay pugnou pela promulgação da Constituição e foi o primeiro Presidente da Côrte Suprema dos Estados Unidos.

Não mais de 15.000 huguenotes franceses foram para a América do Norte no período colonial. Ao se fazer o primeiro recenseamento norte-americano, em 1790, os cidadãos franco-americanos foram superados de muito não só pelos inglêses como por homens e mulheres de ascendência escocesa, alemã, irlandesa, galesa e holandesa. Mas, ao passo que o recenseamento contava pessoas, outro cômputo—de norte-americanos proeminentes—se fazia. Na primeira edição de 1789 da *Enciclopédia Biográfica Norte-Americana* de Appleton, as relações nominais incluíam 589 norte-americanos descendentes de huguenotes franceses.

A Guerra da Independência levou à América o jovem Marquês de Lafayette e outros voluntários franceses cheios de fervor pela causa da independência. Graças principalmente à influência dêles, a própria França aderiu depois à luta, enviando uma esquadra de mais de 60 belonaves e um exército de 6.000 combatentes, comandados por de Grasse e Rochambeau—expedição bastante poderosa para pôr têrmo à prolongada campanha, com uma estrondosa vitória em Yorktown.

Entre os voluntários franceses que preferiram permanecer na América depois da guerra destaca-se Pierre Charles L'Enfant, que desenhou o escudo dos Estados Unidos da América, com a sua águia simbólica, e foi mais tarde incumbido de projetar a nova capital, denominada Washington, às margens do Potomac. O plano grandioso que traçou, com as suas largas perspectivas e avenidas radiais, exprimiu a sua confiança no futuro da América.

A Revolução Francesa e a queda de Napoleão causaram também uma pequena afluência de exilados franceses à América. Cozinheiros, costureiros e perfumistas franceses encontraram nas cidades norte-americanas um fácil mercado para as suas artes. Muitos abriram restaurantes, outros foram contratados pelos melhores hotéis. Assim a cozinha francesa se tornou familiar aos norte-americanos, sendo a sua influência notada em inumeros têrmos de culinária introduzidos no vocabulário norte-americano, tais como *bouillon*, *omelette*, *purée*, *mayonnaise*, *hors d'oeuvres*, *consommé*, *filet*, *sauté*, etc.

Com a aquisição do Território Noroeste e a compra da Louisiana, ganharam os Estados Unidos três pequenos grupos de franco-americanos. Do Ohio às montanhas Rochosas se encontravam alguns milhares de descendentes dos *coureurs des bois*, que haviam acompanhado La Salle, Nicollet, Joliet, Marquette e Radisson em suas explorações dos Grandes Lagos e do Vale do Missis-

sípi. Êsses homens serviram de guias e mestres aos desbravadores que inundaram o Oeste, através dos montes Apalaches, a partir de 1790. Os nomes de quase 10.000 cidades, rios, lagos e montanhas norte-americanos, de Sault Ste. Marie a Baton Rouge, de Detroit a Coeur d'Alene, relembram êsses franceses. Até mesmo Smackover, no Arkansas, adquiriu o seu nome aparentemente inexplicável pela curiosa corruptela de Chemin Couvert.

Na região alagadiça da Louisiana viveram os descendentes dos acadianos expulsos da Nova Escócia. Isolado por longo tempo, êsse povo afável, que soma hoje cêrca de 400.000 pessoas, conservou a sua língua materna, o francês. Ainda hoje, no interior do país, milhares de pessoas antigas—além dos 50.000 negros que vivem entre elas—falam exclusivamente o francês.

Contrastando gritantemente com êsses dois grupos, havia os "crioulos" (americanos filhos de franceses) que viviam na antiga Nova Orleães—então, como atualmente, uma cidade alegre e civilizada. Antes de Louisiana converter-se em Estado, em 1812, êles tinham fundado um teatro permanente de profissionais, uma companhia lírica, um jornal e excelentes escolas. Descendentes de crioulos de Nova Orleães emprestam hoje à sua cidade o caráter peculiar que fêz dela um centro turístico. As suas festas carnavalescas, de que participa a cidade inteira, e a sua cozinha crioula, mistura de

culinária francesa, espanhola e negra com os pratos regionais, não têm igual.

Da francesa Quebec começou outro fluxo de imigração pouco antes da Guerra Civil Americana. Esse movimento deu à Nova Inglaterra uma população franco-americana de quase um milhão de pessoas, e espalhou outras centenas de milhares pelo Centro-Oeste.

Enquanto isso, a imigração da França, propriamente, poucas vezes excedeu de 4.000 pessoas por ano. Mas, como os seus predecessores huguenotes, esses recém-chegados compensavam com empreendimento, educação e aptidões o que lhes faltava em números.

Vários destes se distinguiram na Medicina. Na Louisiana, a francesa Marie Prévost, pioneira da cirurgia, realizava com êxito partos cesarianos no começo do século XIX, época em que essas intervenções em outros lugares eram quase sempre fatais. O Rev. William Passevant fundou hospitais famosos em Chicago, Pittsburgo e Milwaukee. O Dr. Edward Trudeau fundou o primeiro sanatório para tuberculosos do país às margens do lago Saranac, no Estado de Nova York, e o primeiro laboratório de pesquisas sobre a tuberculose. O Dr. Alexis Carrel ganhou um Prêmio Nobel pelos seus estudos sobre a cirurgia dos vasos sanguíneos feitos no Instituto Rockefeller de Pesquisas Médicas.

O maior de todos os naturalistas norte-americanos—e também um

magnífico artista—foi Jean Audubon. John Lawrence LeConte, de uma longa linhagem de cientistas famosos de origem francesa, foi o primeiro entomologista americano.

Na indústria, a família du Pont, que controla coletivamente companhias cujos ativos orçam pela casa dos bilhões, é exemplo notável da influência franco-americana no desenvolvimento econômico dos Estados Unidos. Pierre Samuel du Pont de Némours, impressor e editor parisiense, era considerado um radical nocivo na França dos Bourbons, onde reclamava liberdade de imprensa, modificações das leis reguladoras do trabalho e o fim de outras opressões e abusos. Com a Revolução Francesa, ele e os filhos foram obrigados a emigrar para a América. Chegando em 1799, pouco depois fundavam uma fábrica de pólvora em Wilmington, Delaware. A guerra anglo-americana de 1812 trouxe-lhes grandes pedidos do Govêrno e, nos anos seguintes, a procura de pólvora para limpar a terra, explorar pedreiras e abrir canais e túneis manteve as suas fábricas em expansão. Sucessivas gerações de du Ponts desenvolveram a vasta organização de pesquisas que produziu novas tintas, o celofane, o *rayon*, o *nylon* e centenas de outros produtos.

O franco-americano John Garand inventou o rifle Garand, que aumentou extraordinariamente o poder de fogo das tropas norte-americanas na Segunda Guerra Mundial. Allen Du Mont contribuiu com muitos dos

inventos básicos que tornaram possível a televisão e o radar. Robert Le Tourneau concebeu gigantescas máquinas de terraplenagem sem as quais o custo das grandes rodovias e dos grandes campos de aviação seria proibitivo.

Os franceses fundaram muitos estabelecimentos de ensino nos Estados Unidos da América. Os Girard College, Tulane, Vassar e a Fundação Musical Juilliard—foram todos fundados ou receberam substanciais doações das fortunas dos homens cujos nomes ostentam. Nas artes, a influência francesa tem sido extensa. A obra de Augustus St. Gaudens deixou marca indelével na escultura norte-americana. John LaFarge foi pintor e escritor de renome. Três outros do mesmo nome escrevem hoje: Christopher, Oliver e o Padre John LaFarge, proeminente jornalista católico. Outros escritores de ascendência francesa são Longfellow, Whittier, Thoreau, Sidney Lanier e P. Marquand. Entre os musicistas de renome podemos citar Darius

Milhaud e Pierre Monteux, hoje radicados nos Estados Unidos, e o franco-canadense Wilfred Pelletier.

Na década dos 1860 o Professor Edouard de Laboulaye propôs que o povo francês tomasse alguma iniciativa para comemorar condignamente a aliança histórica entre o seu país e os Estados Unidos da América, em vigor desde os dias de Lafayette. O projeto concretizou-se na descomunal Estátua da Liberdade, projeto de Bartholdi, erguida na pequena ilha Bedloe, na Baía de Nova York, onde Isaac Bedloe, um dos primeiros colonos huguenotes, apascentava o seu gado. Hoje, um grande grupo de conspícuos cidadãos está apoiando a criação de um Museu Americano de Imigração, que preservará para sempre os documentos de todos os grupos nacionais que se uniram para construir os Estados Unidos. Como convém, será instalado na base da estátua oferecida à América pela nação cujos filhos imigrantes contribuíram tanto para a construção de um novo país.

Você é assinante? Está de mudança?

Você não há de querer ficar sem o seu exemplar de Seleções quando mudar de residência. Por isso pedimos o obséquio de nos informar, com a necessária antecedência, qual será o seu novo endereço. Quando nos escrever, não esqueça de mandar-nos também o seu endereço *antigo*—de preferência um recorte do endereço numa das últimas cintas da revista. Providenciaremos para que não deixe de lhe chegar às mãos um só exemplar, desde que sejamos notificados, pelo menos com um mês de antecedência, da data de sua mudança. Escreva para: Seleções do Reader's Digest, Atenção de Fernando Chinaglia, Av. Presidente Vargas, 502, 19.º and., Rio de Janeiro.